

História e Literatura e a construção da narrativa histórica

History and Literature and the construction of historical narrative

Érica Martins de Carvalho

Graduanda em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

E-mail: erica_mcarvalho@hotmail.com

Resumo: Busca-se, neste artigo, contribuir para a reflexão entre História e Literatura, procurando entender a importância dessa fonte, quando se fala do imaginário social. A proposta é partir da análise de trechos do livro *Dona Beija: A feiticeira do Araxá*, de Thomas Leonardos, para entender o processo de construção das narrativas, suas semelhanças e divergências. Busca-se, ainda, fazer uma reflexão sobre questões teóricas que guiam a narrativa histórica e o trabalho metodológico do historiador.

Palavras-chave: História. Literatura. Construção. Narrativa.

Abstract: This paper aimed to contribute with some reflection about History and Literature, trying to understand the importance of these sources when speaking about the social imaginary. The proposal is based on the analysis of excerpts from the book *Dona Beija: A feiticeira do Araxá*, written by Thomas Leonardos, to understand the narrative process of construction, its resemblances and divergences. The aim is, also, to reflect about theoretical issues that guide the historical narrative and the historian's methodological work.

Key Words: History. Literature. Construction. Narrative.

1 História e Literatura: algumas considerações

A história e a literatura têm uma relação íntima e complexa, no que diz respeito aos seus textos e às discussões travadas em torno desses. Para o historiador, um livro de literatura pode ser mais do que um passatempo ou uma distração. Ele é uma fonte reveladora de aspectos que não aparecem nas fontes ditas oficiais, levando-nos a pensar nas representações que um determinado fator pode ter e suas mudanças no decorrer do tempo, ou seja, é uma maneira de pensar história em um âmbito cultural. A literatura, por sua vez, tem, na história, uma inspiração e uma fonte para, a partir de algum fato histórico, o literato construir seu enredo.

Ao se aventurar com as fontes de literatura, deve-se atentar para alguns fatores importantes no trabalho. Por vezes, o uso dessa fonte é questionado: de que maneira a escrita literária pode ser entendida como uma verdade, se o seu autor usa de artifícios ficcionais para escrever a obra? Ora, a história por si não é uma verdade absoluta, e sim

uma representação¹ e uma perspectiva sobre determinado assunto que o historiador trabalha, amparado por suas fontes e suas teorias.

A literatura é um produto social e, segundo Valdeci Rezende (2010, p. 95), “ao mesmo tempo que representa a sociedade, contribui também para moldá-la e construí-la para o seu devir”. Assim, o literato é também influenciado por sua posição na sociedade, ou seja, ele “não é apenas um indivíduo capaz de exprimir sua originalidade, mas alguém que o faz a partir das condições reais de sua existência”.

A literatura está, sim, diretamente ligada ao contexto sociocultural de seu autor e de onde ela é produzida, oferecendo-nos a possibilidade de entender, por exemplo, como um determinado personagem (seja ele ficcional ou não) foi representado e caracterizado de formas diferentes, em épocas distintas. Dessa maneira, uma obra literária

[...] constitui-se parte do mundo, das criações humanas, e transforma-se em relato de um determinado contexto histórico-social. Por isso, ‘qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente determinada – isto é, situada no processo histórico’, cabendo ao historiador se debruçar sobre estas obras como uma ‘nova’ fonte de percepção para a produção historiográfica, indagando, questionando, trazendo a tona a sua visão sobre determinado tempo (SENNA JUNIOR, 2010, p. 5).

Este trabalho tem como fonte um livro de caráter ficcional e percebe-se, nele, a literatura como um fator importante, quando se fala da construção e da legitimação do imaginário social, considerando que ela influi efetivamente nos hábitos cotidianos de uma sociedade e de sua leitura de mundo. Sendo assim, é um dos elementos na construção das práticas sociais, pois reflete direta ou indiretamente essas práticas. Ressalta-se que, como afirma Baczkó (1985), o imaginário social, nesse estudo, foi tratado como um fator cujas finalidades consistem em legitimar o poder estabelecido ou criar um sentido de nacionalidade, sonhos, expectativas de vida, por meio de símbolos e, também, dos atos cívicos e de todas as práticas que o constituem.

Segundo a historiadora Sandra Pesavento (1995), as formas como acontecem as construções coletivas de interpretação e de compreensão das simbologias e das representações podem também ser entendidas como parte do imaginário social. Ou seja, as representações são parte desse imaginário e Baczkó (1985, p. 299) deixa claro que “exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência ‘real’”, mas, sim, em reforçar os meios de dominação e de apropriação simbólicas, com o fim de alcançar a subordinação por meio dessa relação de poder. Pode-se, então, perceber o livro como um elemento que ajuda a construir ou difundir certas práticas e/ou também

¹ Entender história como uma verdade não absoluta é entender que é impossível reproduzir, o passado ou algum momento, pois as condições posteriores não são as mesmas. A história deve ser entendida como representação, ou seja, ela é mutável. Sobre isso ver: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

como resultado delas. Ele é um dos meios para a construção desse imaginário carregado de representações e de símbolos e, ao historiador, compete questionar o porquê da existência de determinado material e qual a sua finalidade e, ainda, buscar entender, por meio dele, quais serão esses símbolos, como eles se formaram e o que realmente significavam para a sociedade.

Outro fator comum a ambas – história e literatura – é o uso da narrativa na construção do seu texto, mas com metodologias de trabalho distintas. Seria coerente pensar que a literatura trabalha com a ficção e a história com a representação? Essa reflexão nos leva a uma discussão aqui já travada: o trabalho do historiador não é reproduzir ou escrever sobre a verdade, pois é impossível reproduzir determinado acontecimento ou escrevê-lo, dizendo que é a verdade absoluta.

O trabalho do historiador é feito a partir de fontes, sejam elas documentos “oficiais” ou obras de arte e obras literárias, e busca compreender como os fatos aconteceram e o porquê, sempre respeitando o que o documento diz. Não se pode manipular o trabalho acrescentando fatores ficcionais, pois essa é uma ação característica de um falsário do discurso histórico (CHARTIER, 2002). Entretanto, é possível, por meio da construção do texto, dar ênfase a alguns aspectos e a outros não. Desse modo, observa-se que o historiador partilha das formas e das figuras de linguagens, usadas por literatos, praticando metáforas e ironias em seus textos. Afinal, construir seu discurso na perspectiva narrativa é um modo de aperfeiçoar o próprio texto de cunho histórico, geralmente criticado pela forma de escrita, por ser demasiado acadêmico ou por ser registrado de maneira muito científica.

Hayden White (2011), ao analisar a construção da narrativa histórica, sugere que a história só existe pela forma como é escrita pelos historiadores, acreditando que a história se aproxima mais da literatura do que das ciências.

Mas, de um modo geral, houve uma relutância em considerar as narrativas históricas como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto *inventados*, quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências (p. 98).

Para ele, os historiadores são como os escritores de contos e romances, pois podem enfatizar um determinado aspecto e outro não, com em um jogo de palavras. Essa liberdade que o historiador tem é um dos aspectos que faz com que Hayden White veja o texto histórico como um enredo e não como representação ou um discurso. Ele apresenta um diálogo interessante entre a narrativa histórica e a narrativa literária, mostrando que a narração é uma maneira universal de comunicação e de representação verbal usada, cada dia mais, na história, como forma de discurso. Em muitos pontos de seus textos, ambas são apresentadas como iguais, sugerindo um questionamento em relação à cientificidade da história.

Nenhum conjunto dado de acontecimentos históricos casualmente registrados pode, por si só, constituir uma estória; o máximo que pode oferecer ao historiador são elementos de estória. Os acontecimentos são convertidos em estória pela supressão ou subordinação de alguns deles pelo realce de outros, por caracterização, repetição do motivo, variação do tom e do ponto de vista, estratégias descritivas alternativas e assim por diante – em suma, por todas as técnicas que normalmente se espera encontrar na urdidura de enredo de um romance ou de uma peça (WHITE, 2011, p. 100).

Em oposição ao que afirma White, acredita-se que a fonte histórica não é convertida pela supressão ou subordinação do historiador, ela é analisada, trabalhada e questionada. O autor critica, principalmente, a ênfase que o historiador dá ao seu trabalho, porém vale destacar que esse trabalho não se apresenta dividido em categorias como tragédia, romance e drama. O historiador trabalha segundo sua linha de pesquisa, seja ela política, econômica ou social, e isso pode ser observado por meio das alterações temáticas às quais os trabalhos historiográficos foram submetidos ao longo do tempo, considerando as mudanças nas escolas historiográficas e as mudanças sociais, que atendem a diferentes anseios, em momentos distintos. A interpretação da fonte que White tanto questiona pode sim depender do que o historiador pesquisa e do momento sociopolítico no qual ele se encontra, mas isso não limita a história e nem mesmo a fonte. Não seria pedir muito querer que o historiador trabalhasse todos os aspectos de suas fontes de uma única vez?

2 Dona Beija: um entrelaço histórico e literário

Essa pesquisa tem por objetivo traçar um diálogo com os conceitos de prática e representação, alguns dos pilares da história cultural, percebendo, assim, a representação como a relação de construção de uma realidade, em distintos espaços e temporalidades, procurando trabalhar a relação dessa representação com a obra literária sobre Dona Beija, de autoria de Thomas Leonardos.

Dona Beija ou Ana Jacintha de São José, ainda criança, chegou a São Domingos de Araxá, no início do século XIX. Filha de mãe solteira, destacava-se, desde pequena, por sua beleza comparada à da flor, por isso o apelido. Segundo a história, em torno dos quinze anos de idade, foi raptada pelo ouvidor da corte, Joaquim Ignácio Silveira da Mota, abusada e retirada, violentamente, de sua família. Instalada em Paracatu, recebeu educação, conheceu o luxo e aprendeu os costumes da corte. Após algum tempo, o ouvidor voltou à corte e, por questões políticas e familiares, não pôde levar Dona Beija consigo. Ela retornou à Araxá e se estabeleceu em um casarão, na praça, em frente à igreja matriz, encontrando a hostilidade da sociedade local.

“O século XIX corresponde ao tempo da personagem Anna Jacintha de São José, Dona Beija, em torno de quem se teceu o mito. Tempo em que viveu, morreu e se fixou na memória, ao circular oralmente e ficar no imaginário” (MONTANDON, 2004, p. 35).

Neste trabalho, Ana Jacintha de São José será analisada como uma pessoa de seu tempo: mulher, analfabeta, proprietária de casas e de outros comércios e que, como tantas

outras mulheres do século XIX, no Sertão da Farinha Podre, recorreu à prostituição como forma de sustento. Para entender melhor um ponto essencial entre as diferenças nos textos ora discutidos (texto histórico e texto literário) e sua construção narrativa, trechos do prefácio da obra *Dona Beija: A Feiticeira do Araxá* serão estudados. A edição trabalhada é a 6ª, uma das mais recentes publicações, que ainda traz os prefácios das edições anteriores, permitindo, assim, observar como o livro foi recebido e preparado em momentos distintos.

O romance foi escrito, em 1957, por Thomas Leonardo, um graduado em Direito, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro que, após passar uma temporada em Araxá e ouvir de muitos habitantes os comentários sobre a beleza e o poder de sedução de Dona Beija, decide escrever sobre ela, posicionando-a como uma moça ingênua e bonita do interior de Minas Gerais, no século XIX, corrompida por atos do destino.

Logo no início do texto, o autor tem um sonho com Ana Jacintha, no qual trava com ela um diálogo sobre princípios morais. Nessa conversa, Beija diz que precisa de um advogado que a defenda e acabe de vez com as histórias maldosas a seu respeito. Thomas aceita o desafio e, em seu enredo, mostra como Dona Beija passou de uma menina bonita, interiorana, para uma meretriz famosa e rica e, segundo ele, escreveu sem esconder seus pecados e suas qualidades. Em muitos momentos, o autor a coloca como uma heroína, associando-a e comparando-a, por exemplo, a Joana D'Arc, ao apresentá-la como alguém que se sacrificou por Minas Gerais. É notável como o texto assume a forma de um romance biográfico, abordando, também, aspectos regionais.

Os trechos abaixo, nos quais o autor descreve como foi o processo de construção do seu enredo, compõem o objeto deste estudo:

Trecho 1 - “(...) antes de soltar a imaginação, procurei verificar os fatos, lastro indispensável para o romance idealizado.” (14) (grifo meu)

Trecho 2 - “Foi esse trabalho que me permitiu dar consistência aos fatos que narrei romanceando, e aos quais dei a interpretação psicológica que entendi acertada.” (14) (grifo meu)

Nas duas passagens, observa-se um fator comum: o autor deixa explícito que o trabalho apresenta elementos de sua imaginação. No primeiro trecho, pode-se notar que a história está presente pela verificação dos fatos (posteriormente, o autor detalha a sua procura no “Arquivo de Araxá”²), mas, em nenhum momento, mostra a preocupação em entender como essas fontes consultadas foram produzidas, por quem e em qual contexto sociopolítico ou, ainda, em pensar a personagem principal da obra (Dona Beija) como um agente histórico de seu tempo.

² O autor refere-se à documentação organizada pelo memorialista local, Sebastião de Afonseca e Silva. Esse arquivo, hoje, pertence à Fundação Cultural Calmon Barreto, de Araxá.

Sua preocupação é construir um enredo a partir dessas informações. Nota-se, também, a constatação de que o livro é um romance idealizado, ou seja, ele tem por objetivo o amor, perfeito e fantasiado, caracterizado, principalmente, por colocar a personagem com significado de pureza e doçura, no início da narração, e, ao passar da trama, modificar essa visão. Seu compromisso, nesse sentido, é totalmente diferente dos objetivos dos historiadores. Esse estilo literário tem algumas particularidades e, para Haiduke (2009, p. 39),

[...] o romance passou a dar extrema relevância à trajetória individual das personagens em relação ao fluxo do tempo: ‘mais que qualquer outro gênero literário, o romance se interessou pelo desenvolvimento de suas personagens no curso do tempo.’ Isto derivou da problematização realizada pelo gênero da identidade pessoal dos personagens.

O segundo fragmento escolhido propõe a discussão de outro aspecto, quando Leonardos usa a expressão “interpretação psicológica que entendi acertada” Nota-se, então, que ele usou sua imaginação ou seus conceitos ideológicos, morais e culturais para completar seu texto da maneira que considerou correta, ou seja, diferente do historiador que não pode completar as lacunas de seu trabalho, a partir do imaginário e da criatividade próprios.

Nesse momento, os trabalhos do historiador e do literato se distanciam, pois o historiador tenta compreender o contexto social no qual seu objeto está inserido, evitando dar-lhe os significados do presente, em relação a valores morais, culturais e políticos, dentre outros. O trabalho historiográfico tem, por vezes, que respeitar o silêncio de suas fontes. Mas ambos buscam, de formas diferenciadas, entender os comportamentos sociais de uma população em determinado período.

Se, por um lado, o literato trabalha com as questões de tempo, comportamento e gênero, por outro, o aspecto imaginativo ou ficcional não pode estar presente no texto histórico. Dessa maneira, fica claro, para Chartier (2002, p. 98), que a história tem métodos próprios e específicos de pesquisa e de manuseio de dados, de crítica e de “validação da adequação entre o discurso do saber e o seu objeto”.

Mesmo que escreva em uma forma ‘literária’, o historiador não faz literatura, e isso devido à sua dupla dependência. Dependência em relação ao arquivo, portanto em relação ao passado de que este é traçado. (..) Dependência, a seguir, em relação aos critérios de cientificidade e às operações próprios a seu ‘ofício’ (CHARTIER, 2002, p. 97).

3 Alguns apontamentos finais

Com todos esses apontamentos, diante da história, da literatura e da análise da construção da narrativa literária e suas diferenças em relação à estrutura da narrativa histórica, torna-se necessário pensar se os historiadores estão preparados para abordá-la teoricamente. Nesse sentido, White também apresenta reflexões sobre algumas outras

questões. Os historiadores utilizam a literatura como fonte, mas não se prepararam para trabalhá-la teórica e metodologicamente, usando os ensinamentos dos teóricos da linguagem para a realização desse exercício.

De acordo com o autor, a história mudou sua forma de escrita. Até o século XX, a estrutura da escrita histórica se relacionava à narrativa dos grandes ídolos políticos, do estado e da nação. Mas quando os *Annales* retomaram a questão da narrativa, elegeram somente o ponto de vista teórico, e não o metodológico, sem fazer nenhum balanço ou discutir porque o modelo fora abandonado e sem pensar sobre todo seu processo. Para que o trabalho do historiador seja realmente científico, o texto descritivo e o narrativo e a teoria e o método devem estar juntos: “uma disciplina que produz exposições narrativas de seu objetivo como um fim em si parece fraca em sua teoria; uma disciplina que investiga seus dados com o interesse de contar um caso sobre eles parece metodologicamente deficiente” (WHITE, 2001, p. 440).

Assim, descrição e análise devem, juntas, fazer parte do discurso histórico, cujo amparo teórico é essencial. A história não pode ser somente narração de fatos e de suas análises e problematizações, mas deve ser um processo conjunto para a construção do discurso. Dessa maneira, o que diferencia a história e a literatura é o conteúdo e como ele é trabalhado, e não a forma, pois os dois são expressões de linguagens.

Pode-se afirmar que este é um novo desafio para a historiografia atual: descobrir um espaço para a narrativa histórica sem que ela caia nos termos de ficção, entendendo as aproximações e os distanciamentos de ambas, mas fazendo dessa relação uma problematização para que a teoria histórica se amplie.

Portanto, analisar uma obra como *Dona Beija: A Feiticeira do Araxá* significa recorrer a essas problematizações teóricas e às relações entre história e literatura, entendendo a última como fonte que permite pensar o imaginário social, os costumes culturais e as formas de linguagens, já que mostra como um personagem foi retratado, descrito e exposto à leitura em tempos diferentes e sob aspectos também distintos. Entende-se que a história partilha das mesmas figuras de linguagens que a literatura e que esta também tem, em seus textos, aspectos históricos em determinados contextos de espaço e tempo.

Se a literatura, como outros monumentos e arquivos humanos, guarda as questões de um tempo e as marcas de um povo e de um lugar, lidar com tais fontes requer a construção de instrumentos afinados capazes de lançar luz àquilo que traz em seu bojo. (...) Portanto, a literatura, seja ela expressa nos gêneros crônica, conto ou romance, apresenta-se como uma configuração poética do real, que também agrega o imaginado, impondo-se como uma categoria de fonte especial para a história cultural de uma sociedade (BORGES, 2010, p. 108).

Nem a história, nem a literatura devem se submeter uma à outra ou se considerarem mais importantes. Devem, sim, manter um diálogo para que possam crescer, teoricamente, respeitando suas especificidades.

Referências

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BORGES, V, R. Histórias e algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, Ano 1, Número 3, junho/ 2010.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n.º 29, 1995.

HAI DUKE, Paulo Rodrigo. **A modernidade entre o desencanto e a idealização: um diálogo entre a história e a literatura a partir do romance À LA RECHERCHE DU TEMPS PERDU** de Marcel Proust. 2009.174 fls. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009 Disponível em:
<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/33463/R%20-%20T%20%20PAULO%20RODRIGO%20ANDRADE%20HAIDUKE.pdf?sequence=1> Acesso em 21/02/2014.

LEONARDOS, Thomas. **Dona Beija: a feiticeira do Araxá**. RJ: Record, 1986.

MONTANDON, Maria Rosa Spinosa. **Dona Beja**—desvendando o mito. Uberlândia: Edufu, 2004.

SENNA JUNIOR, G, F. **Realidade versus ficção: a literatura como fonte para a escrita da história**. Disponível em < <http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT13/GT13-GILBERTO.pdf> > Acesso em: 21 fev.2014

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WHITE, Hayden. A questão da narrativa na teoria da história contemporânea. In: NOVAIS, F.A.; SILVA, R. (orgs.). **Nova história em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 438 – 483.